

O gênero rap e a construção textual na perspectiva da variação linguística

Neusa Inês Philippsen¹

Edenira Matos dos Reis²

Tate Vilas Boas de Oliveira³

Resumo: Este artigo⁴ ampara-se nos pressupostos teóricos da Sociolinguística Variacionista (cf. MARTINS; VIEIRA; TAVARES, 2022; COELHO *et al.*, 2021) e tem como objetivo desenvolver um trabalho didático com o gênero rap a partir da variação e das variedades linguísticas presentes na língua portuguesa. Com foco numa turma de 9º ano, em escola pública, apresentamos possibilidades de abordagem desse gênero numa perspectiva interativa e dialógica, baseada na metodologia qualitativa, que toma corpo por meio de uma sequência didática, conforme apresentada por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), que consiste na apresentação da situação, produção inicial, módulos a serem desenvolvidos e produção final. Como resultados, espera-se fornecer subsídios aos professores de língua portuguesa e para que possam desenvolver processos de ensino aprendizagem que rompam com o preconceito linguístico por meio da abordagem de variedades linguísticas no espaço escolar.

Palavras-chave: Sociolinguística Variacionista. Variação linguística. Preconceito linguístico. Sequência didática. Gênero rap.

1

The rap genre and textual construction from the perspective of linguistic variation

Abstract: This article is based on the theoretical assumptions of Variationist Sociolinguistics (cf. MARTINS; VIEIRA; TAVARES, 2022; COELHO *et al.*, 2021), and aims to develop a work with the rap genre based on the variation and linguistic varieties present in the language portuguese. Focusing on a 9th grade class in a public school, we present possibilities for approaching this genre from an interactive and dialogical perspective, based on qualitative methodology, which takes shape through a didactic sequence, as developed by Dolz,

¹Doutora em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo, Brasil (2013). Professora Titular da Universidade do Estado de Mato Grosso, Brasil. E-mail: neusa.philippsen@unemat.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0406-3984>.

²Professora da rede pública estadual de Mato Grosso; Mestranda do Programa de pós-graduação Mestrado Profissional em Letras – UNEMAT. Mato Grosso, Brasil. E-mail: edenira.reis@unemat.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7211-1373>

³Professora da rede pública estadual de Mato Grosso; Mestranda do Programa de pós-graduação Mestrado Profissional em Letras – UNEMAT. Mato Grosso, Brasil. E-mail: tate.oliveira@unemat.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9005-3856>.



⁴ Texto desenvolvido na disciplina intitulada Gramática, Variação e Ensino- sob a orientação da Professora Dra. Neusa Inês Philippsen.

Noverraz and Schneuwly (2004), which consists of the presentation of the situation, initial production, the modules to be developed and final production. As a result, it is expected to provide subsidies to Portuguese language teachers so that they can develop teaching and learning in order to break with linguistic prejudice and to address linguistic varieties in the school environment.

Keywords: Variationist Sociolinguistics. Linguistic variation. Linguistic bias. Following teaching. Rap genre.

El género rap y la construcción textual desde la perspectiva de la variación lingüística

Resumen: Este artículo se basa en los supuestos teóricos de la sociolingüística variacionista (cf. MARTINS; VIEIRA; TAVARES, 2022; COELHO *et al.*, 2021), y tiene como objetivo desarrollar un trabajo con el género rap a partir de la variación y las variedades lingüísticas presentes en la lengua portuguesa. Centrándonos en una clase de 9º grado de una escuela pública, presentamos posibilidades de abordar este género desde una perspectiva interactiva y dialógica, a partir de una metodología cualitativa, que se concreta a través de una secuencia didáctica, como la desarrollada por Dolz, Noverraz y Schneuwly (2004), el cual consta de la presentación de la situación, producción inicial, módulos a desarrollar y producción final. Como resultado, se espera otorgar subsidios a los profesores de lengua portuguesa para que puedan desarrollar la enseñanza y el aprendizaje para romper con los prejuicios lingüísticos y abordar las variedades lingüísticas en el entorno escolar.

2

Palabras clave: Sociolingüística variacionista. Variación lingüística. Sesgo lingüístico. Siguiendo la enseñanza. Género rap.

Introdução

O ensino de língua portuguesa realizado nas escolas seja no ensino fundamental ou no médio pauta-se quase que exclusivamente aos aspectos gramaticais, reduzindo-se a um padrão homogêneo, que se distancia dos diferentes usos da língua nas mais variadas situações comunicativas. Para validar tal compreensão, trazemos as contribuições de Antunes (2007), que ressalta a ênfase que ainda é dada à gramática nos espaços escolares:

Possivelmente, o termo *gramática* tem, nessa acepção, o maior índice de uso, pelo menos nos meios escolares. É ele que está por trás das famosas aulas de gramática e que constitui, em geral, a grande dor de cabeça da comunidade escolar, dos professores e técnicos, da comunidade extraescolar (pais, sobretudo) e, até mesmo, dos próprios alunos mais adiantados, que “aprenderam muito bem as lições de anos anteriores”, pois só acreditam que estão estudando a língua se a disciplina gramática estiver no começo, no meio e no fim de todos os programas de estudo. [...] É tal a ênfase nessa disciplina que, de uns anos para cá, até mereceu uma carga horária especial, separada das

aulas de redação e de literatura, como se redigir um texto ou ler literatura fosse coisa que se pudesse fazer sem gramática; ou se se saber gramática tivesse alguma serventia fora das atividades de comunicação (ANTUNES, 2007, p. 32). (grifo da autora)

Em se tratando de ensino, em um país com uma extensa faixa territorial, reúnem-se falantes diversos com características socioculturais distintas, que fazem uso do português com várias particularidades, sendo que, inclusive, uma mesma pessoa pode falar de diferentes maneiras e isso torna a língua algo dinâmico, heterogêneo e variável, mas nunca estanque. Diante dessa diversidade de falares, a escola muitas vezes não contempla em seus currículos uma orientação quanto à diversidade linguística brasileira e isso acaba prejudicando o ensino e até contribuindo para que situações preconceituosas aconteçam em sala de aula.

Desta forma, a escola precisa fazer uso de um ensino que visualize a língua em suas variadas matizes a fim de que a perpetuação do preconceito linguístico deixe de existir, uma vez que todas as formas de utilização da língua são válidas e legítimas. Para tanto, Coelho *et al.* (2021, p. 65) afirmam que:

Essa confusão entre fazer julgamento à língua e julgamento ao falante é um dos fatores que permitem a existência e a perpetuação do **preconceito linguístico** em nossa sociedade. Com o falso argumento de que uma construção é, em si, “errada”, abre-se espaço para que marginalizemos os falantes que fazem uso dessa construção. Uma das contribuições da Sociolinguística é justamente a de desmascarar esse argumento: incontáveis pesquisas já constataram que não há nada nas formas variáveis de uma língua que permita afirmar que umas sejam melhores ou mais corretas do que as outras, ou que o uso de uma ou de outra tenha qualquer relação com a capacidade cognitiva do falante. (grifos dos autores)

Diante do exposto, percebe-se que o julgamento atribuído a uma determinada parcela da sociedade que usa certas construções linguísticas e não outras é puramente social e se manifesta como preconceito linguístico, ademais as formas de uma língua denunciam a qual grupo os falantes pertencem.

Os documentos oficiais do Brasil, tais como os Parâmetros Curriculares Nacionais e a Base Nacional Comum Curricular (1997, 2017), que regulamentam o ensino de português, propõem como alguns dos objetivos o reconhecimento e o respeito às variedades linguísticas, os quais permitem aos alunos à utilização da língua em diferentes

contextos e nos mais variados registros escritos, adequando-a nas diferentes situações de uso, concebendo, assim, a linguagem como objeto primordial de interação social.

O presente artigo, que se ampara nos pressupostos teóricos da Sociolinguística Variacionista (cf. MARTINS; VIEIRA; TAVARES, 2022; COELHO *et al.*, 2021), apresenta uma proposta de trabalho de abordagem metodológica qualitativa que se ampara no modelo de sequência didática (SD) de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), que envolve a variação linguística e a organização pautada na apresentação da situação, na produção inicial, nos módulos ou oficinas e na produção final, sendo construída em torno do gênero, neste caso do gênero rap. A presente proposta tem o objetivo de fornecer subsídios aos professores para a utilização do gênero rap, no sentido de romper com o preconceito linguístico e que a variação linguística de fato seja abordada no espaço escolar. Para tanto, fez-se necessário, inicialmente, traçarmos os caminhos teórico-metodológicos para, na sequência, mostrarmos a tessitura da SD pensada a partir de uma possibilidade de desvelo interativo, dialógico e variacionista.

O artigo encontra-se dividido da seguinte forma: inicialmente apresenta-se uma discussão acerca das concepções de linguagem sob a ótica de Travaglia (1996), Geraldi (1984), Bakhtin/Volochinov (2004) e Koch (2003). Na sequência, trazemos, dentre as referências, Coelho *et al.*, (2021), a Base Nacional Comum Curricular - BNCC (2017), Bagno (1999) no tocante às variedades linguísticas e ao preconceito linguístico. Além disso, discutimos sobre a relevância da utilização da música no ambiente escolar atrelada ao trabalho da diversidade do português brasileiro presente no gênero rap. Após o embasamento teórico, tecemos algumas considerações sobre a sequência adotada e idealizada por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004) e os passos metodológicos a serem desenvolvidos em uma turma de 9º ano do Ensino Fundamental.

Concepção de linguagem

Sabemos que a linguagem faz parte de todo o percurso do ser humano e é por meio dela que a comunicação e a interação acontecem em espaços formais ou informais de forma a garantir uma participação ativa e crítica nesses ambientes.

Para contribuir com as referências teóricas apresentadas neste artigo, torna-se oportuno trazer as reflexões de Bakhtin a respeito da linguagem vista como um fenômeno social de interação sendo fundamental entre os usuários da língua:

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada pela enunciação ou pelas enunciações. A interação constitui, assim, a realidade fundamental da língua (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2004, p. 123).

O ensino e a aprendizagem da nossa língua são influenciados por três concepções de linguagem. Na primeira concepção, a linguagem é vista como uma forma de expressão do pensamento. A esse respeito, apresentamos Travaglia para ajudar com as reflexões apresentadas:

as pessoas não se expressam por bem porque não pensam. A expressão se constrói no interior da mente, sendo sua exteriorização apenas uma tradução. A enunciação é um ato monológico, individual, que não é afetado pelo outro nem pelas circunstâncias que constituem a situação social em que a enunciação acontece (TRAVAGLIA, 1996, p. 21).

Para essa concepção, a língua é algo imutável e, portanto, impossível uma abertura que considere os estudos das variações linguísticas.

A segunda concepção apresentada é a linguagem como instrumento de comunicação e, para Travaglia, a língua "é vista como um código, ou seja, um conjunto de signos que se combinam segundo regras e que é capaz de transmitir uma mensagem, informações de um emissor a um receptor" (TRAVAGLIA, 1996, p. 22).

Nessa concepção, a linguagem é empregada somente para transmitir uma mensagem, uma informação, que, de acordo com Geraldi (1984), utiliza somente a variedade padrão e desconsidera as outras variedades linguísticas existentes.

Já a terceira concepção aborda a linguagem como forma de interação. Para Koch (2002, p. 17), "o texto passa a ser considerado o próprio lugar da interação e os interlocutores, como sujeitos ativos que – dialogicamente – nele se constroem e são construídos [...]". É por meio do texto que as interações acontecem e as informações são trocadas no ato comunicativo. Portanto, a proposta deste artigo está de acordo com a concepção de linguagem baseada na forma de interação social de informações, ideias e reflexões.

Para Geraldi (1984), é importante que o professor tenha claro que toda atividade desenvolvida em sala de aula ou metodologia de ensino está relacionada a uma concepção política, ou seja, que em nenhum discurso há neutralidade.

Neste aspecto, Bakhtin assegura que as palavras carregam um discurso ideológico, elas “são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2004, p. 41). Assim, um trabalho que concebe a linguagem como forma de interação atua no aperfeiçoamento dos conhecimentos linguísticos e discursivos, uma vez que os alunos passam a compreender a mensagem veiculada nos discursos e tornam-se capazes de interagir satisfatoriamente nos discursos apresentados.

Varição linguística

Ao fazermos uma breve análise da história dos anos de 1960, deparamo-nos com profundas mudanças nos âmbitos científico, social e econômico. As consequências dessas mudanças refletiram também no ambiente escolar, possibilitando o acesso à escolarização das diferentes classes sociais com seus distintos modos de utilizar a língua na sua comunicação. Desta forma, pensar no ensino de língua portuguesa perpassa pela aceitação e o reconhecimento de que, na escola, a língua utilizada convive ao mesmo tempo com uma grande variedade de outras línguas e variações (línguas oriundas de outros países, a indígena, o regionalismo, os jargões, os dialetos sociais, entre outras).

O aumento das instituições escolares não significava qualidade de ensino ofertado, já que a elite deixou de ser a única detentora a usufruir dos benefícios da educação e a escola passa a ter como obrigação a formação de todos os alunos dos mais diversos setores sociais, assim modifica-se a composição social que a escola até então estava acostumada a atender. Sobre este aspecto, o professor estava diante de uma nova realidade, diferente daquela que estava acostumado, e, por sua vez, encontrava-se despreparado para lidar com essa complexidade, já que apresentava uma formação para a elite. Para Bagno,

[...] as pessoas que frequentavam a escola antes da ‘democratização’ eram, na sua maioria, falantes de variedades linguísticas urbanas, muito influenciadas pela cultura escrita e pelo policiamento linguístico praticado pela escola e por outras instituições sociais. [...] a partir dos anos 1960, tudo isso se modificou. A grande massa das alunas e alunos das novas escolas falava (e fala) variedades linguísticas muito diferentes das variedades urbanas usadas pelas camadas sociais privilegiadas e mais diferentes ainda da norma-padrão tradicional, modelo de língua ‘correta’ que o ensino tentava (e em boa parte ainda tenta) transmitir e preservar (BAGNO, 2007, p. 32).

Sendo assim, fica evidente que as camadas sociais dotadas de um alto poder aquisitivo faziam uso de uma variedade linguística diferente daquela população diversificada que acabara de adentrar no espaço escolar, ou seja, um choque entre essas camadas instalava-se no espaço formal de educação.

Diante de uma sociedade cada vez mais complexa, cabe aqui trazer, para a discussão, a importância da Sociolinguística, uma área da Linguística que visa estudar a relação existente entre língua falada e sociedade, sendo que, antes de entrarmos em contato com os estudos da Sociolinguística, é necessário atentarmos ao que Coelho *et al.* nos aconselham:

Antes mesmo de tomarmos contato com esses estudos, é preciso nos desfazermos de algumas eventuais noções pré-concebidas. É necessário, por exemplo, abandonar a ideia de que a língua é uma estrutura pronta, acabada, que não é suscetível a variar e a mudar. É necessário também entender que a realidade das pessoas que usam a língua – os falantes – tem uma influência muito grande na maneira como elas falam e na maneira como avaliam a língua que usam e, especialmente, a língua usada pelos outros. Para conhecer a Sociolinguística, é necessário, antes de mais nada, “abrir a cabeça” para aceitar a língua que está sendo usada à nossa volta como um objeto legítimo de estudo (COELHO *et al.*, 2021, p. 11-12).

7

Não podemos deixar de frisar que os estudos da Sociolinguística têm contribuído muito para o ensino de língua no nosso país desde a sua chegada, conforme Bortoni-Ricardo (2005, p. 283), “só com a chegada da sociolinguística no Brasil, na década de setenta do século XX, [...] é que começa a desvelar-se a heterogeneidade do português brasileiro”. O reconhecimento quanto à diversidade linguística do português brasileiro e à importância do papel do professor no sentido de ampliar a competência comunicativa de seus alunos vem ocorrendo de maneira lenta no ensino de Língua Portuguesa.

Sendo assim, apresentamos aqui as contribuições gerais da Sociolinguística ao ensino de língua elencadas por Martins, Vieira, Tavares (2022, p. 10):

Do conhecimento provido pelos pressupostos da Sociolinguística Variacionista, e com especial atenção pelos estudos desenvolvidos no Brasil, pelo menos três grandes contribuições – desenvolvidas a seguir – merecem destaque:

- (i) definição apurada de conceitos básicos para o tratamento adequado dos fenômenos variáveis;
- (ii) reconhecimento da pluralidade de normas brasileiras, complexo tecido de variedades em convivência; e

(iii) estabelecimento de diversas semelhanças entre o que se convencionou chamar “norma culta” e “norma popular”, não obstante os estereótipos linguísticos (cf. Labov, 1972a) facilmente identificados pela maioria dos falantes.

Ainda segundo os autores sobre a apresentação geral das contribuições da Sociolinguística, esta área do saber é uma alternativa para que o conhecimento científico e a prática pedagógica caminhem juntos com o intuito que os objetivos postulados para o ensino de português sejam cumpridos em prol de uma educação que reconheça e respeite as variedades linguísticas, primando para que os usuários da língua saibam utilizá-la em diferentes modalidades e em diversos registros, adequando-a aos muitos contextos de uso.

Conforme Coelho *et al.* (2021), as pessoas com as quais convivemos se entendem perfeitamente, já que a língua é o maior e melhor instrumento utilizado nas interações, com o intuito de desfazer os desentendimentos causados por um olhar, um gesto, ou outro exemplo da linguagem. Por sua vez, as características relacionadas à origem, idade, escolaridade, entre outros fatores sociais estão vinculados ao falar de cada grupo.

Cabe aqui ressaltar, que a linguagem está sempre sujeita a mudanças por parte dos seres humanos, já que o homem sempre evolui, muda suas ideias, seu jeito de ser, de falar e isso faz parte da natureza e é perfeitamente normal. A variação linguística é algo natural, não necessita de explicação, pois as mudanças que ocorrem são para acompanhar a dinâmica das pessoas em busca de adaptações nas situações cotidianas. Castilho (2010, p.197) afirma justamente isso:

As línguas são constitutivamente heterogêneas, pois através delas temos de dar conta das muitas situações sociais em que nos envolvemos, em nosso dia a dia. Elas são também inevitavelmente voltadas para a mudança, pois os grupos humanos são dinâmicos, e as línguas que eles falam precisam adaptar-se às novas situações históricas

No sentido de contribuir com as discussões apresentadas, trazemos aqui a referência aos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN (1997), um documento de grande importância que pode ser usado nos ensinos fundamental e médio para auxiliar na elaboração de um currículo que vise uma formação mais cidadã do aluno. Para isso, apresentamos aqui o que dizem os PCN de língua portuguesa:

A língua portuguesa, no Brasil, possui muitas variedades dialetais. Identificam-se geográfica e socialmente as pessoas pela forma como falam. Mas há muitos preconceitos decorrentes do valor social relativo

que é atribuído aos diferentes modos de falar: é muito comum se considerarem as variedades linguísticas de menor prestígio como inferiores ou erradas (BRASIL, 1997, p. 26).

A citação nos faz refletir que no nosso país existem diferentes variedades linguísticas e que muitas vezes algumas pessoas sofrem algum tipo de constrangimento relacionado ao seu modo de falar, especialmente porque através da fala geralmente há a identificação de qual região o usuário pertence, bem como sua classe social. Infelizmente, muitos desses falantes não pertencem a uma classe que goza de um prestígio social e acabam, assim, sendo vítimas de preconceitos relacionados à maneira de como fazem uso da fala nos mais diversos contextos sociais.

Seguimos também com a Base Nacional Comum Curricular - BNCC (2017), quando apresenta as competências específicas de língua portuguesa para o ensino fundamental:

4. Compreender o fenômeno da variação linguística, demonstrando atitude respeitosa diante de variedades linguísticas e rejeitando preconceitos linguísticos. 5. Empregar, nas interações sociais, a variedade e o estilo de linguagem adequados à situação comunicativa, ao(s) interlocutor(es) e ao gênero do discurso/gênero textual (BRASIL, 2017, p. 87).

Conforme nos alertam os documentos oficiais, o preconceito linguístico deve ser combatido na escola para que sempre prevaleça o respeito às diferenças nas ações desenvolvidas nesse espaço educativo.

Para tanto, o ensino em sala de aula deve privilegiar as variedades urbanas de prestígio e também as outras variedades de modo a levar o estudante a compreender as outras regras de funcionamento da língua, que podem, inclusive, ser de sua própria comunidade de fala. O trabalho com as variantes se dá com o objetivo de combater o preconceito linguístico. Bagno (1999, p. 16) nos lembra que

uma educação linguística voltada para a construção da cidadania numa sociedade verdadeiramente democrática não pode desconsiderar que os modos de fala de diferentes grupos sociais constituem elementos fundamentais da identidade cultural da comunidade e dos indivíduos particulares.

Trabalhar com as variedades é algo que nós, professores de Língua Portuguesa, devemos fazer no nosso cotidiano escolar para que o ensino realmente faça sentido para

nossos alunos. De acordo com Baronas (2011, p. 107), é importante e necessário que a escola se prepare para um ensino de uma língua viva, heterogênea e que o professor aborde sobre as diversas normas do país.

Como é de conhecimento de todos, as pessoas não falam exatamente iguais, algumas fazem uso do português popular ou variedade não culta e outras utilizam o português culto ou variedade padrão que é aprendido na escola ou em outro ambiente e todos esses falantes e falares devem ser respeitados, visto que o português popular também é uma norma completa como qualquer outra e o respeito com o modo de falar dos falantes deve sempre prevalecer em todos os momentos e lugares de interação com o próximo.

Preconceito linguístico: para que serve mesmo?

O Brasil é um país rico em diversas facetas, tanto naturais quanto em produtividade, assim como disse Pero Vaz de Caminha (1500) "Nessa Terra, em se plantando, tudo dá". Além de grande em território, é imenso em cultura. Diante de vários fatores relacionados ao espaço, povo e cultura, a comunicação, pressuposto importante para o desenvolvimento da sociedade, também representa um valor cheio de diferenças que levam à língua a um patamar abundante e complexo ao mesmo tempo.

Diz-se complexo pelo fato de existir resistência em prol de uma norma maior e mais "prestigiada" e com isso valorizar-se mais um padrão único em detrimento de todas as formas de linguagem apresentadas nas inúmeras regiões brasileiras. Infelizmente, o substantivo "preconceito" também é utilizado quando se trata da diversidade do modo como as pessoas falam em alguns pontos deste país. Nesse sentido, Bagno (1999, p. 40) explica que:

O preconceito linguístico se baseia na crença de que só existe, como vimos no Mito nº 1, *uma única língua portuguesa digna deste nome* e que seria a língua ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas e catalogada nos dicionários. Qualquer manifestação linguística que escape desse triângulo escola-gramática-dicionário é considerada, sob a ótica do preconceito linguístico, "errada, feia, estropiada, rudimentar, deficiente", e não é raro a gente ouvir que "isso não é português". (grifos do autor)

Todavia, a língua portuguesa falada no Brasil mostra-se plural, longe daquilo que espera a gramática normativa. Ainda bem que a sociolinguística faz parte desse mundo

que estuda a língua como ela realmente é: relacionada fielmente com a sociedade que a circunda e a utiliza.

Ademais, a língua possui diferenças de acordo com a região, cultura, classe e grupos sociais. Como ressalta Bagno (1999, p. 29), “diferença não é deficiência nem inferioridade”. Não é novidade presenciar alguém tratando um modo de falar com desrespeito, principalmente se for de uma região menos favorecida ou de um falante que demonstra menos escolaridade. A questão do “falar errado” é muito frequente na sociedade.

Todos esses fatores estão relacionados a um tema denominado de variedade linguística, para o qual, segundo Coelho *et al.* (2021, p.13),

[...] a **língua é um sistema** organizado – tão organizado que seus falantes se comunicam perfeitamente entre si, não importando se um mora no interior de São Paulo e o outro na capital do Rio Grande do Sul, se um tem 6 anos de idade e o outro 60, se um tem curso superior e o outro ensino fundamental. Em segundo lugar, podemos concluir que a **língua varia**, e essa variação decorre de fatores que estão presentes na sociedade – além de fatores que podem ser encontrados dentro da própria língua [...] (grifos dos autores).

Conforme os autores expressaram, a língua além de ser organizada é viva e esse modo vivido reflete em grande diversidade trazendo consigo muita beleza e riqueza. E é isso que a sociedade necessita entender, cada modo de falar recorre ora de uma situação comunicativa ora de um contexto cultural, regional, histórico e social, e nem um modo é menos importante que outro.

Destarte, qual seria o motivo de tanto preconceito linguístico? Provavelmente inicia-se na concepção até mesmo folclórica do brasileiro acreditar que não sabe falar português. O que poderia ser parcialmente verdade, já que ao se tratar do Brasil a língua pode até ter o nome de “língua portuguesa”, no entanto, na prática, a língua utilizada é a brasileira. Bagno (1999, p. 23-24) ressalta as questões inerentes a este pensamento interligado à dependência linguística que ainda ocorre neste país:

O brasileiro sabe português, sim. O que acontece é que nosso português é diferente do português falado em Portugal. Quando dizemos que no Brasil se fala português, usamos esse nome simplesmente por comodidade e por uma razão histórica, justamente a de termos sido uma colônia de Portugal. Do ponto de vista linguístico, porém, a língua falada no Brasil já tem uma gramática — isto é, tem regras de funcionamento — que cada vez mais se diferencia da gramática da

língua falada em Portugal. Por isso os linguistas (os cientistas da linguagem) preferem usar o termo português brasileiro, por ser mais claro e marcar bem essa diferença.

Observa-se que Bagno publicou o livro “Preconceito Linguístico: o que é, como se faz” em 1999 e atualmente vivencia-se ainda com muita força os preconceitos mencionados pelo autor. A demora de mudança chateia quem acredita em uma sociedade mais igualitária, empática e compreensiva, mas tal morosidade não pode andar junta com a desistência. Em uma pesquisa elaborada por Pereira, a autora notou que a ignorância ainda persiste:

Ao problematizar a fala de Chico Bento, mostrando aos alunos que o seu jeito de falar não pode ser considerado errado, mas apenas outra possibilidade de dizer, fui surpreendida por uma reação acalorada de uma discente. Ela dizia, muito nervosa, que ele falava errado sim. Tentei acalmá-la e mostrar-lhe que o jeito de falar e a ingenuidade de Chico eram justamente os responsáveis por tornar a personagem tão encantadora. Naquele momento, percebi o quanto o preconceito linguístico está arraigado em nossa sociedade e o quanto pode ser pernicioso. (PEREIRA, 2017, p.17).

Logo, um lugar importante para iniciar o processo de valorização das variedades linguísticas é na escola mesmo, pois na sala de aula o professor pode cultivar o conhecimento, o respeito e a significação das diversas formas de falar existentes em uma sociedade. Para isso, toma-se por base as ressalvas de Coelho e Görski (2009, p.75):

A língua é concebida como uma atividade social. E é papel da escola fornecer ao aluno condições favoráveis à apropriação de mecanismos linguísticos, sejam discursivos (os diferentes gêneros, por exemplo), sejam gramaticais (o domínio da norma culta), de forma a instrumentalizá-lo para interagir socialmente em diferentes instâncias.

Sendo assim, compreendemos que também cabe trazer, ao contexto escolar e às aulas de Língua Portuguesa, abordagens referentes a um gênero muito comum nas periferias (mas não só) brasileiras e bastante apreciado por adolescentes, o rap.

A linguagem no gênero musical rap como pressuposto para o trabalho com a variação linguística

A linguagem é parte constitutiva do ser humano e emerge das maneiras como se produz, desenvolve e compreende a língua em diversas maneiras de comunicação. Deste modo, ela é um instrumento de interação que tem por objetivo conectar o locutor e o interlocutor. Além disso, para que seja utilizada de forma que contemple sua função, é

imprescindível que abarque os *locus* social e cultural, afinal uma de suas formas de comunicação, a língua, assim como os agentes que a utilizam, é heterogênea, viva e mutável.

Para mais, nos inúmeros modos de comunicação, a música é concebida como um elemento bastante atrativo na interação entre as pessoas. Em se tratando de sala de aula, esse recurso é um grande aliado para trabalhar com os alunos as diversas facetas do ensino da língua portuguesa. Avanço e Batista (2017, n.p.) ressaltam que “a música está presente na vida e na cultura dos povos, proporciona transformações, determina condutas e constrói conceitos, servindo como forma de expressão da sensibilidade, da criatividade, dos valores éticos e estéticos”.

Além do mais, a música como método de ensino e até mesmo como conteúdo escolar é fomentada nos documentos oficiais que regem a educação, como, por exemplo, no Documento de Referência Curricular de Mato Grosso - DRC (2018, p.12), quando diz que “é preciso aprender por meio de gêneros textuais/discursivos, utilizando os mais diversos recursos, de jornais e revistas, música ou cinema, como também as novas tecnologias de informação e comunicação” e em uma das habilidades previstas no documento pode-se notar a música como uma manifestação coerente no ensino da língua:

(EF67LP27) Analisar, entre os textos literários e entre estes e outras manifestações artísticas (como cinema, teatro, música, artes visuais e midiáticas), referências explícitas ou implícitas a outros textos, quanto aos temas, personagens e recursos literários e semióticos. (MATO GROSSO, 2018, p. 31).

Sendo assim, a utilização desse apoio pedagógico contribuirá para o desenvolvimento da linguagem com os alunos frente à diversidade linguística presente na sociedade brasileira. Dito isto, o viés correspondente à variação linguística manifestada pelos falantes do português brasileiro deve ser contemplado de modo a (re)conhecer e valorizar a diversidade existente na cultura do Brasil.

Em se tratando de música, um gênero que contempla tal diversidade é o Rap. Esse gênero está presente principalmente na linguagem dos jovens de grupos discriminados nas regiões periféricas, como destacam Nascimento e Pinheiro (2013, n.p.):

A junção das consoantes p e r configuram a palavra rap, que significa “rythm and poetry”. Surgido no final dos anos 70, no bairro do Bronx em Nova York, o Rap se constituiu como relato da vida de jovens

negros e de outros grupos discriminados, como os latinos que viviam nas periferias das grandes cidades norte-americanas.

No Brasil, surgiu nas periferias de São Paulo, por volta de 1986, por meio da mídia e das indústrias fonográficas. Esse gênero musical dá vida ao movimento hip hop, o qual é, de acordo com Iolanda Macedo (2011), composto por alguns elementos básicos, tais como, a dança, a arte visual, o criador das bases eletrônicas (DJ), o cantor (Mestre de cerimônias-MC) e o conhecimento.

Na verdade, tais elementos atualmente se misturam ao rap tornando-o até mesmo algo ambíguo, no entanto, o gênero em questão está mais ligado à poesia cantada a partir de um ritmo com letras que podem ser elaboradas anteriormente ou criadas no calor do momento. Neste âmbito, há a presença do DJ que cuida do ritmo e do MC que tem a função de cantar de acordo com a batida criada pelo DJ.

Destarte, o rap foi por muito tempo julgado como um gênero musical inferior tanto por emergir da periferia, da classe menos favorecida e associado à violência, quanto por não seguir normas métricas, rítmicas e pela utilização de aparelhos eletrônicos, fugindo do tradicional. Ademais, demonstra em suas letras o perfil de resistência negra e possui um discurso rítmico com rimas e poesias que falam da vida na favela e todas as mazelas que a acompanha, incluindo temas como racismo e violência. Macedo demonstra que:

[...] o rap foi consumido e ressignificado conforme as regiões, e as disparidades daí advindas podem ser observadas em relação aos aspectos locais, mesmo que a origem e o local de maior expressão sejam o mesmo, ou seja, a periferia. Estes espaços apresentam características particulares no que concerne às canções, mas as formas de produção sofreram influências musicais diferenciadas (MACEDO, 2011, p. 264).

No mais, esse gênero vai além de uma mera expressão artística, pois, inseridas em suas letras faladas rimas poéticas, traz consigo uma perspectiva político-cultural, misturando a criatividade com críticas sociais. Não obstante ao preconceito inicial, talvez até a atualidade, logo se tornou o querido da juventude contemporânea, ganhando espaço nas rádios e na indústria musical, fazendo sucesso até hoje.

As características do rap abarcam a musicalidade poética e lírica, misturadas com efeitos sonoros e mixagens, sendo que o DJ cuida da parte do som em si e o MC canta as letras socialmente imbricadas. Inclusive há uma conexão com a cultura hip hop, diante da politização das letras. Por conseguinte, esse ritmo defende as expressões política, social

e cultural do povo que vive “à margem” da sociedade, do mesmo modo, combate ao racismo, à exclusão, à violência policial e é a favor da igualdade e na melhoria das condições de vida.

Logo, por se tratar de um gênero que contempla essa luta e por ser um ritmo que agrada os jovens, é um “prato cheio” para trabalhar também as variações presentes na linguagem dos inúmeros polos sociais existentes neste país. Diante do uso social da linguagem, Nascimento e Pinheiro (2013, n.p.) ressaltam que “a escuta da canção rap e a leitura da letra das canções são feitas pelo viés do letramento crítico, pois este é compatível com uma teoria sócio interacionista de linguagem e de aprendizagem na medida em que trata a leitura como uma prática sociocultural”.

À vista disso, o trabalho com o gênero rap além de contemplar as variações linguísticas aproxima o conteúdo à realidade dos alunos, isto é, há a união entre os níveis linguísticos que ocorrem na construção das letras e o uso real da língua no contexto em que estão inseridos, integrando os aspectos inerentes às variações diatópicas, diastráticas e diafásicas.

Vale ressaltar que tal gênero é um “prato cheio” para mostrar aos alunos a diversidade do português brasileiro e enfatizar que o preconceito linguístico não tem cabimento diante de tanta riqueza envolvendo a fala e as pessoas que utilizam essa língua, afinal, com o intuito de transformar o pensamento das pessoas sobre determinado conhecimento, é preciso que elas conheçam e se reconheçam dentro desse espaço, além disso, a escola e o professor necessitam renovar suas metodologias e o seu olhar sobre o ato linguístico, assim como ressalta Bagno (1999, p.140):

E quais são estes pequenos atos de sabotagem contra o preconceito? Primeiro, formando-nos e informando-nos. Não me canso de insistir: é preciso que cada professor de língua assuma uma posição de cientista e investigador, de produtor de seu próprio conhecimento linguístico teórico e prático, e abandone a velha atitude repetidora e reprodutora de uma doutrina gramatical contraditória e incoerente.

Munidas com os pressupostos teórico-metodológicos supracitados, partimos então para a próxima etapa de compreensão, imprescindível para a elaboração da proposta apresentada na sequência.

Algumas considerações da sequência adotada

Para realizar a nossa Sequência Didática, inspiramo-nos na proposta de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 99), que ressaltam como primeiro passo a apresentação da situação. “A apresentação da situação é, portanto, o momento em que a turma constrói uma representação da situação de comunicação e da atividade de linguagem a ser executada”. Nessa, o professor expõe para os discentes o que será trabalhado durante as aulas.

O próximo passo é a produção inicial, que serve para observar a aprendizagem dos alunos em relação ao gênero que será trabalhado. Segundo Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 102):

[...] a produção inicial tem um papel central como reguladora da sequência didática, tanto para os alunos quanto para o professor. Para os alunos, a realização de um texto oral ou escrito concretiza os elementos dados na apresentação da situação e esclarece, portanto, quanto ao gênero abordado na sequência didática. Ao mesmo tempo, isso lhes permite descobrir o que já sabem fazer e conscientizar-se dos problemas que eles mesmos, ou outros alunos, encontram. Por meio da produção, o objeto da sequência didática delinea-se melhor nas suas dimensões comunicativas e também se manifesta como lugar de aprendizagem necessária das dimensões problemáticas.

Já com a primeira escrita realizada, o passo seguinte são os módulos, que serão organizados de acordo com o gênero e as necessidades dos alunos. De acordo com Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 103),

Nos módulos, trata-se de trabalhar os problemas que apareceram na primeira produção e de dar aos alunos os instrumentos necessários para superá-los. A atividade de produzir um texto escrito ou oral é, de uma certa maneira, decomposta, para abordar, um a um e separadamente, seus diversos elementos, à semelhança de certos gestos que fazemos para melhorar as capacidades de atuação, nos diferentes estilos. O movimento geral da sequência didática vai, portanto, do complexo para o simples: da produção inicial aos módulos, cada um trabalhando uma ou outra capacidade necessária ao domínio de um gênero. No fim, o movimento leva novamente ao complexo: a produção final.

As atividades dos módulos são significantes, visto que é o momento de prepará-los para a escrita final. Essa, consoante Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), é muito importante, no sentido de observar a evolução do discente, uma vez que colocarão em prática a sua aprendizagem.

Apresentação dos passos metodológicos da SD a serem desenvolvidos

Obedecendo aos pressupostos dos estudiosos da escola de Genebra, apresentamos os passos de uma proposta de SD para o ensino do gênero rap. Ressaltamos a importância de se trabalhar atividades direcionadas para esse gênero em sala de aula, já que pode ser um importante aliado no estudo da variação linguística, servindo de auxílio no combate do preconceito linguístico, uma vez que todas variações e variedades são legítimas porque permitem a comunicação entre os indivíduos.

Sabemos que o propósito fundamental de uma sequência didática é ajudar o aluno a dominar um determinado gênero, contribuindo com a melhoria da leitura e escrita, e, assim, possam transitar de maneira adequada nos diversos contextos de uso. O desenvolvimento dessa proposta teórico-metodológica consiste em momentos distintos e articulados entre si, que objetivam a aprendizagem paulatinamente do gênero rap, bem como a conscientização de que a língua é maleável, sofre alterações e que o preconceito linguístico não tem razões de existir, portanto, deve ser eliminado de nossas práticas sociointeracionais.

Para tanto, utilizamos como recursos alguns vídeos disponibilizados na plataforma do Youtube, textos impressos, produção de cartazes e outras atividades sistematizadas. Passemos, então, à exposição de cada uma das etapas por nós elaboradas.

Primeiro momento - apresentação da situação inicial e produção inicial - (02 horas/aulas)

Explicaremos aos alunos de uma determinada turma de 9º ano do ensino fundamental, de uma escola pública, sobre o gênero que será trabalhado. Na sequência, os discentes assistirão ao vídeo do músico MV Bill, “Junto e misturado”. A letra da canção e a biografia do cantor estarão em um painel fixado na sala de aula para a visualização de todos. Em seguida, explicaremos aos alunos que estudaremos o gênero textual rap, com o objetivo de compor um rap em dupla como produção que deverá ter uma mensagem crítica voltada para o combate ao preconceito linguístico. A produção realizada será apresentada para uma turma escolhida pelos alunos.

Momento de produzir - Produção inicial em dupla de um rap com o objetivo de diagnosticar o conhecimento prévio dos alunos. O texto será corrigido e arquivado por nós professoras.

Segundo momento – aplicação dos módulos

Cabe destacar que os módulos a serem desenvolvidos podem sofrer alterações conforme os problemas diagnosticados na produção inicial.

Primeiro Módulo - (02 horas/aulas)

Os alunos farão a leitura em dupla de outras composições de rap que serão entregues em folhas de papel sulfite e coladas em papel-cartão em cores variadas. Os vídeos das canções entregues serão exibidos no Datashow como forma de interação entre os alunos.

Os alunos deverão ficar em círculo na sala para a reflexão em grupo sobre os seguintes tópicos presentes nos raps:

1 - As experiências reveladas pelos grupos de jovens nas canções. As situações podem ser reais ou fictícias.

2 – A realidade não confortável que é exposta nos raps, pois, a maioria dos raps tem um tom muito crítico e incisivo.

3 – Analisar as palavras (gírias) ou outras expressões utilizadas nos raps, que são construções típicas das variedades linguísticas empregadas pelos jovens das periferias urbanas.

4 – Os raps não são cantados como as demais canções. Analisar o uso de rimas e o refrão utilizado, que são recursos fundamentais para a musicalidade do rap.

5 – Analisar como as ideias são apresentadas nos raps. A linguagem utilizada geralmente não aparece de forma direta ou explícita, algumas palavras têm sentido conotativo.

Segundo Módulo - (02 horas/aulas)

- Produção de cartazes sobre as reflexões realizadas na aula anterior.
- Produção de um mural com as características do gênero estudado.
- Atividades serão realizadas em conjunto com a professora e os alunos.

Terceiro Módulo - (02 horas/aulas)

- Conversa dialogada com os alunos sobre as características do gênero rap.
- Exibição do vídeo “Amplifica por Emicida –Preconceito linguístico no dia a dia”.
- Reflexão em grupo sobre o que é o preconceito linguístico e se já foram vítimas de algum tipo de preconceito.

Quarto módulo - (04 horas/aulas) - Estudo sobre Variação linguística

- Prática de oralidade: Debate com os alunos em grupo com a finalidade de investigar sobre a compreensão de língua que eles têm, se já estudaram em anos anteriores o conteúdo sobre “Variação linguística”.
- Distribuição de material impresso e colorido contendo os seguintes conteúdos: O português brasileiro - Por que a língua sofre variação - Adequação e preconceito linguístico - Sequência de ilustração sobre alguns usos da língua no dia a dia.
- Estudo de sentidos denotativo e conotativo.

Produção final - (02 horas/aulas)

Realização da produção final em dupla. Os alunos serão divididos em duplas e cada dupla escreverá 05 versos do rap que serão organizados em estrofes, intercalando-as com um refrão. Os versos deverão compor uma sequência lógica de ideias, construindo uma crítica relacionada ao combate do preconceito linguístico.

Pensando na reescrita textual, o rap será lido em voz alta para perceber se as rimas estão bem construídas e se contribuem para a musicalidade da letra. Serão verificadas, na produção, se algumas palavras têm sentido conotativo e se a linguagem utilizada contém marcas das variedades linguísticas usadas pelos grupos jovens das periferias urbanas. Os alunos escolherão um fundo musical para o rap. O rap será apresentado para a turma deles e, posteriormente, na sistematização dos trabalhos que são realizados na escola.

Considerações finais

Neste artigo, argumentamos que a língua é um sistema ordenadamente heterogêneo, que muda e essa mudança acontece também na estrutura social. De acordo com Coelho *et al.* (2021, p. 165), “Durante o processo de mudança, as línguas humanas continuam a funcionar perfeitamente, justamente porque a variação não é caótica, mas regida por regras”. Trabalhar com os alunos em sala que a variação faz parte do sistema linguístico é um desafio para nós, professoras, já que os fenômenos em variação são de diferentes lugares desse imenso Brasil e de distintos fatores sociais.

O presente estudo buscou, a partir de pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista, propor algumas possibilidades de atuação profissional utilizando a sequência didática de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004). A sugestão aqui apresentada é apenas um exemplo profícuo de como o professor pode oferecer ao aluno

um processo eficaz de melhor compreensão da língua portuguesa, todavia é uma proposta que pode e deve ser implementada, conforme cada contexto escolar e cada fenômeno linguístico a ser considerado.

Considerar a variação linguística na escola é algo que precisa ser mais recorrente, levando em consideração que a nossa língua se apresenta de forma variada nas interações comunicativas e por meio de distintos gêneros textuais, sendo o gênero rap apenas um no imenso balaio dialógico, desse modo o ensino da língua não pode ser centrado exclusivamente na norma-padrão, mas explorando, também, variedades e variações que se apresentam nos usos linguísticos.

Finalmente, compreendemos que o preconceito linguístico precisa ser combatido e os professores de língua portuguesa precisam estar preparados para abordar em sua prática pedagógica diversas normas, que se encontram em variação, capacitando os alunos no uso da língua em diversos contextos sociais e culturais.

Referências

ANTUNES, Irandé. *Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

AVANÇO, Fabiana Renata. BATISTA, Flóida Moura Rocha Carlesso. A música como apoio no processo de ensino e aprendizagem. *Revista Eletrônica Científica Inovação e Tecnologia*, Medianeira, v. 8, n. 16, 2017.

BAGNO, Marcos. *Preconceito Linguístico: o que é, como se faz*. São Paulo: edições Loyola, 1999.

BAGNO, Marcos. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola editorial, 2007.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2004.

BARONAS, Joyce Elaine Almeida. *Variação Linguística na Escola: Propostas de Ação*, Londrina, nº 14/2, p. 105-116, dez. 2011.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais. Língua portuguesa: ensino de primeira à quarta série*. Brasília, DF: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnologia. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2017. Disponível em <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>

BORTONI-RICARDO. Stella Maris. *Nós chegemu na escola e agora?* São Paulo: Parábola, 2005.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.

COELHO, Izete Lehmkuhl. *et al. Para conhecer sociolinguística*. 1.ed., 4º reimpressão. São Paulo: Contexto, 2021. (Coleção para conhecer linguística). Izete Lehmkuhl Coelho e outros autores: Edair Gorski, Christiane Maria N. de Souza, Guilherme Henrique May.

COELHO, Izete Lehmkuhl e GÖRSKI, Edair Maria. Variação Linguística e Ensino de Gramática. *Word. pap. linguíst.*, 10 (1): 73-91, Florianópolis, jan. jun., 2009.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michèle; SCHNEUWLY, Bernard. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim (Colaboradores). *Gêneros orais e escritos na escola*. Tradução e organização Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. – Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

GERALDI, João Wanderley. Concepções de linguagem e ensino de português. In: GERALDI, João Wanderley. (Org.). *O texto na sala de aula; leitura e produção*. Cascavel: Assoeste, 1984. p. 41-49.

KOCH, Ingedore Villaça. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2002.

MACEDO, Iolanda. A linguagem musical rap: expressão local de um fenômeno mundial. *Tempos históricos*. volume 15 ,1º semestre de 2011, p. 261-288ISSN: 1517-4689 (versão impressa), 1983-1463 (versão eletrônica).

MARTINS, Marcos Antonio; VIEIRA, Silvia Rodrigues; TAVARES, Maria Alice. Contribuições da Sociolinguística brasileira para o ensino de Português. In: TAVARES, Maria Alice. (Orgs.). *Ensino de Português e Sociolinguística*. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2022. p. 9-35.

MATO GROSSO. Secretaria de Estado de Educação. *Documento de Referência Curricular para Mato Grosso: Ensino Fundamental Anos Iniciais*. Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso. 2018.

NASCIMENTO, Elvira Lopes; PINHEIRO, Elaine Cristina. Rap – Um gênero textual para letramento de reexistência. In: CONGRESSO NACIONAL DE LINGUAGENS EM INTERAÇÃO MÚLTIPLOS OLHARES, 4, 2013, Maringá: Universidade Estadual do Paraná. Maringá: UEM, 2013. p. 01-15.

PEREIRA, Raquel Aparecida Viana. *A variação linguística no ensino de língua portuguesa: uma análise diacrônica das décadas de 40, 80, 90, 2000 e 2010*. 2017. 234f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, 2017.

Rhythm and Poetry: a história do Rap no Brasil e no mundo. *Artcetera*. 2021. Disponível em: <https://artcetera.art/musica/historia-do-rap/> Acesso: 28 de nov. 2022.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Concepções de linguagem. In: TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus*. São Paulo: Cortez, 1996.